Revista
(RE)DEFINIÇÕES DAS FRONTEIRAS

www.journal.idesf.org.br

NÓS, MEMÓRIAS E FRONTEIRAS: UNILA E INTEGRAÇÃO IDENTITÁRIA LATINO-AMERICANA

Gustavo Leite Alvarenga[13]

Jose Carlos dos Santos[14]

Carolina Gervini Trezzi[15]

Lissandra Espinosa de Mello Aguirre[16]

RESUMO

Este artigo investiga como a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), enquanto lugar de fronteira, constitui-se como um nó espaço-temporal na reconfiguração de memórias e identidades de seus discentes. Adota-se uma abordagem qualitativa e interpretativista – inspirada na fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur – para, a partir de entrevistas semiestruturadas, analisar: articulações narrativas entre memórias e pertencimentos anteriores; experiências vividas no espaço universitário e fronteiriço; e projeções e expectativas sobre o futuro. Os resultados evidenciam que os estudantes chegam à UNILA trazendo representações e fronteiras simbólicas previamente constituídas que são tensionadas e ressignificadas por encontros interculturais, conflitos, afetos e experiências de acolhimento. Desse movimento emergem duas formulações interpretativas: o "fronteirizar-se como si-mesmo", pelo qual a experiência da fronteira passa a constituir a própria compreensão de si, e o "si-mesmo como estrangeiro", caracterizado pela reinterpretação dos próprios pertencimentos a partir da experiência da alteridade. Conclui-se que a UNILA, mais do que produzir uma identidade latino-americana homogênea, constitui um espaço relacional no qual

[13] Bacharel em Administração de Empresas pela PUC MG, Mestre em Administração pela PUC PR e Doutorando no Programa Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

[14] Doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialização em Educação Popular pela Faculdade de Ciências Humanas de Cascavel, FECIVEL, Brasil. Graduação em Filosofia pela Faculdade de Ciências Humanas Arnaldo Busato FACITOL, Brasil. Docente Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Líder do Grupo de Pesquisa Hermenêutica da Ciência e Soberania Nacional.

[15] Graduanda em Relações Internacionais e Integração na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

[16] Possui Graduação em Direito pela Universidade Federal de Santa Maria (1997) e Mestrado em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2003). Doutora em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Advogada. Atualmente é Professora Concursada do Curso de Direito da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Foz do Iguaçu/PR.

CC BY NC SA

memórias, diferenças e alteridades se entrecruzam, possibilitando reconfigurações identitárias e novas formas de reconhecimento, pertencimento e hospitalidade.
Palavras-chave: Fronteiras; Memória; Identidade; Paul Ricoeur; UNILA.

ABSCTRACT
This article investigates how the Federal University for Latin American Integration (UNILA), as a borderland setting, constitutes a spatiotemporal nexus in the reconfiguration of its students' memories and identities. Drawing on a qualitative, interpretivist approach inspired by Paul Ricoeur's hermeneutic phenomenology, the study uses semi-structured interviews to examine the narrative articulations among prior memories and senses of belonging, experiences within the university and borderland context, and projections and expectations for the future. The findings show that students arrive at UNILA carrying previously constituted representations and symbolic boundaries that are subsequently challenged and re-signified through intercultural encounters, conflicts, affective experiences, and practices of hospitality. Two interpretive formulations emerge from this process: "bordering oneself as a self," whereby the experience of the border becomes constitutive of one's self-understanding, and "oneself as a foreigner," characterized by the reinterpretation of one's own belongings through the experience of otherness. The study concludes that, rather than producing a homogeneous Latin American identity, UNILA constitutes a relational space in which memories, differences, and forms of otherness intersect, enabling identity reconfigurations and new forms of recognition, belonging, and hospitality.
Keywords: Borders; Memory; Identity; Paul Ricoeur; UNILA.

INTRODUÇÃO

A UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana – vem se constituindo, desde sua idealização, como um ícone fronteiriço e um nó espaço-temporal que entrelaça memórias e identidades. Trata-se de um lugar privilegiado para compreender como as fronteiras – e os processos de fronteirização – podem ser ressignificados como centros a partir dos quais se propagam novos ideais de respeito, tolerância e integração.

A universidade se destaca por singularidades metodológicas, estruturais e, sobretudo, por sua localização na região da Tríplice Fronteira. Atualmente, suas atividades estão distribuídas em sedes provisórias, enquanto o novo campus da UNILA é construído em área cedida pela Itaipu Binacional, em Foz do Iguaçu. Nesses espaços, professores e estudantes latino-americanos buscam romper com

CC BY NC SA

paradigmas educacionais tradicionais, visando não apenas acomodar heranças do passado, mas também constituir novos horizontes. Espaços esses, de onde prosperam princípios peculiares de territorialização-desterritorialização-reterritorialização.

Considerando esse projeto institucional e com o objetivo de explorar uma interseção ou um nó que se dá entre memória, fronteira e identidade, propõe-se neste artigo um estudo interpretativo acerca dos sentidos coletivos atribuídos às experiências nesse espaço latino-americano por estudantes universitários de diversas nacionalidades. Parte-se do pressuposto de que identidades e memórias se constituem mutuamente em nós relacionais viabilizados por espaços de onde as noções de território são então formadas.

Seja no âmbito da alteridade humana, seja nos entrelaçamentos histórico-temporais e espaciais, as memórias e as identidades são marcadas pelo encontro com o outro no tempo e no espaço. É a partir dessa perspectiva que se busca uma aproximação ao objeto de pesquisa, orientada pela seguinte questão: como a UNILA, enquanto um lugar de fronteira, constitui-se como um nó memorial na redefinição identitária e territorial de seus discentes?

Para apreender esse processo, busca-se compreender as transformações identitárias a partir das narrativas pelas quais os discentes articulam suas memórias e pertencimentos anteriores à UNILA, as experiências vividas no espaço universitário e fronteiriço e as refigurações identitárias e expectativas de futuro produzidas a partir dessas experiências. Ou, como se refletem nessas narrativas os processos de desterritorialização e reterritorialização na geração de novas territorialidades (Raffestin, 2009; Saquet, 2009).

O estudo, reunido em torno de sua pergunta fundadora, propõe dialogar com os seguintes objetivos:

a) identificar, nas narrativas dos discentes, memórias, pertencimentos e representações sobre fronteira e estrangeiridade anteriores à experiência na UNILA;

b) analisar como encontros, estranhamentos, afetos e relações de alteridade vividos na UNILA e no espaço fronteiriço são narrados e incorporados às experiências dos discentes;

CC BY NC SA

c) interpretar as refigurações identitárias presentes nas narrativas dos discentes, observando como as experiências vividas são mobilizadas na releitura de seus pertencimentos e na projeção de expectativas futuras.

Na sequência, serão apresentados os referenciais teóricos que sustentam a pesquisa empírica, organizados em três eixos cujas interseções orientam o presente estudo: Fronteiras; Fronteiras e Lugares de Memória; e Memórias e Identidades. Posteriormente, são delineados os aspectos metodológicos da investigação para, então, serem discutidos os resultados e as interpretações produzidas a partir dos encontros entre pesquisadores e estudantes da UNILA.

FORMULAÇÕES E FUNDAMENTAÇÕES

Fronteiras

Enquanto conceito sociológico, a noção de fronteira está longe de se reduzir às definições geográficas e às suas demarcações físicas (Martins, 1997). Quando se busca uma compreensão social do dinamismo que antecede e subjaz ao traçado fronteiriço, o conceito remete a uma prática social — um “fazer fronteira” ou um processo de “fronteirização”. Trata-se de uma prática que deve ser analisada considerando não apenas dimensões espaciais, mas também temporais, relacionais, processuais e, principalmente, simbólicas, cujas configurações e encontram-se permanentemente em jogo.

Os lugares de fronteira surgem como “espaços singulares construídos a partir de múltiplas relações de trânsito e pertencimento” ou como espaços interculturais de produção e reprodução de identidades e alteridades (Cardin; Albuquerque, 2018). As fronteiras, contudo, não são apenas produzidas pelas relações sociais; como ressalta Cardin e Albuquerque (2018), elas são também produtoras de novas relações, identidades e formas de pertencimento. É dessa maneira que a fronteira deixa de ser compreendida simplesmente como borda ou limite para se tornar — em aparente contradição com sua concepção espacial restrita — um epicentro regional de produção e reprodução de identidades cujos efeitos reverberam para além dos espaços fronteiriços.

Lugares de fronteiras são espaços peculiares, como também críticos, no

CC BY NC SA

processo de territorialização. Como trabalham Raffestin (2009) e Saquet (2009), a constituição dos territórios fronteiriços se dão na relação espaço-tempo em um processo histórico e cultural. A partir de Saquet (2009, p.82) fronteiras são territórios resultantes de uma conjugação diacrônica-sincrônica no entrecruzamento de histórias de vida, pois:

> O tempo significa, nesta compreensão, um movimento contínuo. O tempo presente, passado e futuro indica processualidade e, também, simultaneidade, pois vivemos diferentes temporalidades e territorialidades, em unidade, em processo constante e concomitante de desterritorialização e reterritorialização que gera sempre novas territorialidades e novos territórios que contêm traços/características dos velhos territórios e territorialidades.

O território de fronteira é nessa perspectiva uma categoria de análise sociológica que possui como dimensão objetiva primeira o espaço territorial sobre o qual se projetam princípios de divisão, classificação e diferenciação identitária que se originam em tempos e histórias distintas. Como destaca Medeiros (2009, p.217), os territórios não são meros espaços, mas lugares de produções e reproduções, afirmações e negações de identidades, assim, um “espaço cultural de identificação”.

Sob uma perspectiva bourdieusiana, da mesma forma que o corpo humano recebe projeções e esquemas de percepção e apreciação, os territórios e as regiões também se constituem como depositários de princípios de visão e divisão (Bourdieu, 2002). Não se trata, porém, como em Simmel (2013), de uma configuração espacial que resulta em uma forma sociológica de interação, nem de um fato sociológico que simplesmente se projeta sobre a espacialidade. Trata-se de uma relação circular que se cristaliza ao longo do tempo e da história, inscrevendo-se “ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos [...]” (Bourdieu, 2002). Desse modo, a história converte-se em natureza, e o arbitrário cultural passa a ser percebido como algo natural, em consonância com determinadas necessidades sociológicas e relações de poder (Bourdieu, 2002).

Considerando que toda categoria é, ela própria, um instrumento de estratégias de representação que se orientam para a definição de identidades

(BOURDIEU, 1991), as regiões não são marcadas apenas pelas fronteiras instituídas por atos de autoridade, mas também carregam determinações simbólicas implicativas, tais como dentro e fora, sagrado e profano, nacional e estrangeiro (Bourdieu, 1991). Tais categorias não são neutras, especialmente quando reduzem o valor dos indivíduos à sua identidade social (Bourdieu, 1991). É o que ocorre, por exemplo, quando se sobrepõem associações que vinculam o centro ao desenvolvimento e à civilização, enquanto relega à periferia os atributos da barbárie e do subdesenvolvimento (Albuquerque, 2011).

Fronteiras e Lugares de Memórias

Se há lugares de fronteiras, fronteiras são lugares de memória. Lugares onde memórias são recortadas, tomam formas, direções e sentidos. Lugares onde rios e pontes, estradas e muros, marcos e marcas se tornam ícones carregados de simbologias de relevância coletiva. Como sugere Nora (1989), esses lugares fronteiriços e seus ícones são constituídos por um esforço histórico de deformação e transformação: lugares onde memória e história interagem para uma "sobredeterminação recíproca".

Ao sobrepor a noção de lugar de fronteira à de lugar de memória, no sentido proposto por Nora (1989), reforça-se o entendimento de que os espaços fronteiriços estão longe de constituir objetos históricos dados, cujas referências repousam em uma suposta realidade histórica objetiva. Pelo contrário, tratam-se de lugares cujos referenciais são os próprios lugares, isto é, funcionam como sinais autorreferenciais. Apesar de sua aparente perenidade, os ícones fronteiriços e as memórias a eles associadas permanecem suscetíveis de metamorfose: seus significados são continuamente reciclados e reapropriados, produzindo ramificações simbólicas frequentemente imprevisíveis (Nora, 1989).

Se há perenidade é por que há vontade – vontade de memória (Nora, 1989): uma operação coletiva de rememoração, resgate e interpretação do passado voltada para a definição e o reforço de sentimentos de pertencimento com também de fronteiras sociais entre coletividades. Trata-se de um processo que, conforme Pollak (1989), contribui para a manutenção da coesão dos grupos e das instituições que

CC BY NC SA

compõem uma sociedade, definindo posições relativas, complementaridades, assim como oposições e limites. Nesta linha, para que a multiplicidade dos fenômenos de uma fronteira se unifiquem em torno de uma identidade relativamente homogênea e em torno de uma história única compartilhada se faz necessário criar “ícones no que concerne ao passado”, lugares que remetem a uma construção “simbólica da origem comum dessa coletividade” (De Oliveira, 2016, p. 77).

Essa operação da memória coletiva fronteiriça faz uso privilegiado dos espaços nos quais estão inseridas ou se produzem as memórias coletivas. A partir de Halbwachs (2020) ressalta-se o papel dos lugares dentro do processo que o autor denomina de enquadramento da memória. Neste esforço de enquadrar a memória – ou formar e organizar a memória (Pollak, 1992) – o espaço é o meio material que atravessamos, acessamos, deixamos, encontramos e que assim fornece à imaginação, os parâmetros para uma fixação da memória ou para a inculcação de determinadas “categorias de lembranças” (Halbwachs, 2020).

Apesar das memórias fronteiriças constituírem fontes para as autorrepresentações nacionais que instituem então um projeto coletivo e uma “história oficial” (De Oliveira, 2016), a luta pela memória se faz cada vez mais escorregadia e fluída. Considerando-se um contexto que Nora (1989) define como um movimento de democratização e cultura de massa de larga escala – no que se refere às memórias coletivas –, as lutas pelo passado (e assim pelo futuro) vem se tornado descentralizadas, imprevisíveis e cambiantes.

O que está em disputa são as representações do passado e os efeitos que elas produzem no presente e no futuro. Essas representações são apropriadas e orientadas por direções socialmente motivadas (Barros, 2005). Em Chartier (1991), assim como em Bourdieu (1991), as representações ocupam posição central porque não apenas refletem a realidade social, mas também produzem práticas que tendem a reproduzir-se historicamente. Dessa forma, geram lucros simbólicos para aqueles que, ocupando determinadas posições sociais, se beneficiam das classificações e categorias socialmente legitimadas.

Trata-se de práticas nas quais os atos de nomear, classificar e categorizar são fundamentais e nas quais identidades múltiplas disputam reconhecimento e

CC BY NC SA

predominância simbólica perante os diversos grupos sociais. Como sintetiza Barros (2005), as representações produzem práticas, assim como as práticas produzem representações.

Essa incorporação da memória pela identidade pode ocorrer por diferentes vias. Candau (2011) aborda três: a procedural, a episódica e a metamemória. A primeira está relacionada a saberes e experiências que se automatizam sob a forma de hábitos e competências práticas. A segunda refere-se à memória constituída por acontecimentos e experiências pessoais registrados ao longo da vida. A terceira, a metamemória ou memória semântica, é evocada principalmente por meio de discursos, narrativas e conhecimentos compartilhados sobre fatos históricos, tradições e experiências coletivas (Candau, 2011).

No que diz respeito especificamente à memória coletiva, Candau (2011) argumenta que ela existe fundamentalmente em um plano discursivo, não se configurando como um compartilhamento concreto e uniforme das representações do passado. Trata-se de um discurso meta memorial construído a partir de referências comuns. Mesmo que existam marcos memoriais compartilhados, os significados atribuídos variam entre indivíduos e grupos. Desta forma, os lugares, eventos e símbolos (da memória) podem ter sentidos de pertencimento e referenciais comuns, mas o compartilhamento dessas representações é sempre parcial.

Memórias e Identidades

As fronteiras constituem espaços privilegiados de construção identitária, nos quais diferenças e igualdades se conjugam no jogo da alteridade. São contextos em que o outro se torna visível e socialmente relevante, sobretudo no encontro com aquele que, conforme Martins (2009, p. 11), “ainda não se confunde conosco nem é reconhecido pelos diferentes grupos sociais como constitutivo do nós”. Nesse processo, a memória atua como elemento mediador por meio da qual subjetividades e as fronteiras de pertencimento social são continuamente reconfiguradas (Ramos, 2010). Em certo sentido, a memória pode ser compreendida como identidade em ação: restituir um passado é restituir uma identidade. Como afirma Candau (2011),

CC BY NC SA

se a memória participa da construção identitária, a identidade, por sua vez, molda predisposições que levam os indivíduos a incorporar determinados aspectos do passado em detrimento de outros.

Se a memória constitui parte fundamental da identidade humana - sempre inacabada e em permanente construção, ela torna-se alvo de disputas simbólicas voltadas à mobilização do passado em favor de projetos identitários específicos (Ricoeur, 2007). É alvo pois está para a existência do indivíduo e para a necessidade humana de pertencimento a um grupo (Todorov, 2000). A representação do passado torna-se, assim, não apenas constitutiva da identidade individual, mas também da identidade coletiva, uma vez que a construção de um passado comum possibilita formas específicas de reconhecimento e legitimação social distribuídas no interior dos enquadramentos memoriais compartilhados (Todorov, 2000).

Enquanto frágil, a memória é então passível de manipulação ou de usos e abusos. Paul Ricoeur (2007) enumera três causas da fragilidade da identidade: o confronto com o outrem como ameaça contra o eu ou contra o nós na luta pelos espaços sociais; a herança da violência fundadora ou os acontecimentos originários das sociedades marcados por guerras e posteriormente legitimadas por Estado de direito; e por fim, a fragilidade decorrente da relação da identidade com o tempo que recorre ao passado e nos sentidos do idêntico que se funde com a avaliação do presente e se projeta no futuro.

Segundo Ricoeur (2007), a memória é incorporada na constituição da identidade por meio das narrativas onde se modelam não só as tramas históricas, mas principalmente seus protagonistas. Ainda, “É precisamente a função seletiva da narrativa que oferece à manipulação a oportunidade e os meios de uma estratégia engenhosa que consiste, de saída, numa estratégia do esquecimento tanto quanto da rememoração.” (Ricoeur, 2007). Isto é, recordar implica em selecionar e selecionar implica atribuir relevância a determinados acontecimentos em detrimento de outros.

A relação entre memória e identidade configura, desta forma, um processo dialético. As memórias contribuem para modelar identidades, enquanto as

CC BY NC SA

identidades direcionam os indivíduos e grupos em suas seleções, interpretações e atualizações mnemônicas. Há, assim, uma "dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente e se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa" (Candau, 2011).

UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana

A UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana – vem se consolidando, desde sua idealização e criação em 2010, como um ícone fronteiriço e um nó espaço-temporal que entrelaça memórias e identidades. Nesse espaço, histórias de vida, expectativas e projetos de futuro de estudantes oriundos de diversas nacionalidades latino-americanas são continuamente reformulados. Trata-se de um ambiente no qual territórios, estruturas institucionais e práticas educacionais rompem com tradições estabelecidas, abrindo portas e possibilidades para novas desterritorializações e reterritorializações.

A criação da UNILA resulta de um conjunto de iniciativas e movimentos anteriores voltados à integração latino-americana, entre os quais se destacam o Movimento de Córdoba, a União das Universidades da América Latina e do Caribe (UDUAL), a Associação de Universidades do Grupo Montevidéu (AUGM) e o Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA) (Ricobom, 2010). Com vistas à implantação da universidade, foram realizados estudos por uma comissão vinculada ao IMEA, orientados pela compreensão de que a integração regional deveria fundamentar-se em "princípios ético-políticos de respeito às diversidades nacionais, religiosas e culturais" (Corazza, 2010, p. 83).

A integração humana é o princípio basilar da UNILA que visa sustentar a efetiva união latino-americana. Conforme Corazza (2010, p. 79), a UNILA já em sua origem foi concebida com o propósito de integração latino-americana, tornando-se "uma universidade federal brasileira com vocação latino-americana". Integração essa que mira a superação das meras aproximações intergovernamentais cuja expressão mais relevante são os acordos de livre comércio.

Conforme Ricobom (2010, p. 3742), a integração visada não é pautada por fórmulas universais oriundas de procedimentos estatais fundadas em "uma

CC BY NC SA

concepção abstrata dos direitos humanos", mas acomodar diferenças em um diálogo intercultural autêntico. Trata-se de colaborar de forma profunda e legítima para o fortalecimento de uma identidade latino-americana (Prolo, I; Lima, M; Moniz, G., 2019).

O projeto UNILA se orienta para um norte onde a integração vai além de uma soma solipsista de indivíduos oriundos de diferentes nações. Almeja criar condições para a construção de experiências compartilhadas que articulem dimensões culturais, sociais, políticas e educacionais. Nesse sentido, a universidade configura-se como um espaço singular, estruturado a partir de princípios que procuram romper com formas tradicionais de organização do conhecimento e com hierarquias historicamente reproduzidas. Como observam Genro, Maffei e Cavalcante (2018, p. 7), a proposta da UNILA compreende a educação como um processo mediador de experimentação coletiva, no qual se conjugam "coligações, parcerias, afetos e desejos no enfrentamento das contradições sociais e políticas do mundo contemporâneo".

Seja nos métodos de ensino, nos espaços de convívio e na departamentalização da universidade, a UNILA busca por essa integração legítima. No campo do ensino, destacam-se diretrizes voltadas à participação ativa e colaborativa dos estudantes, articuladas a uma perspectiva interdisciplinar que busca superar a fragmentação excessiva do conhecimento (Corazza, 2010). Da mesma forma, a constituição de uma universidade bilíngue, formada por docentes e discentes provenientes de diferentes países latino-americanos, favorece a criação de espaços de diálogo intercultural e de interação entre distintas experiências sociais e culturais (Ricobom 2010).

Privilegiada não só pela sua proposta estrutural e educacional, mas principalmente por sua localização. A UNILA se torna assim um nó integrador para uma produção territorial (Saquet, 2009). Enquanto suas atividades permanecem distribuídas em sedes provisórias, o novo campus da universidade, concebido por Oscar Niemeyer, ergue-se em área cedida pela Itaipu Binacional, em Foz do Iguaçu. Trata-se de um processo territorial marcado por intensas circulações de pessoas, culturas, idiomas e memórias, onde os processos de fronteirização produzem

oportunidades, tensões e experiências dificilmente encontradas nos territórios interiores dos países.

Trata-se de um processo vivo de territorialização movido por constantes encontros e desencontros, com também por reformulações identitárias que se desenrolam em alteridades. Em nós espaciais e nós temporais, quando o presente se torna oportunidade de releituras do passado e de territórios que se projetam para novos futuros e reterritorializações. A integração na UNILA, não se faz na aglomeração de indivíduos com memórias que se somam. Como aborda Corazza (2010, p. 87) “[...] não é somente olhando para trás, em busca de raízes e razões de uma identidade comum, para se justificar a integração, que se alcançará este objetivo, e sim lançando o olhar para o futuro, que precisa e pode construir o destino comum.

METODOLOGIA

O nexo proposto que se estabelece, em termos teóricos, entre fronteira, memória e identidade, norteou esta pesquisa na aproximação ao lugar de fronteira aqui demarcado, a UNILA. Lugar esse tomado não apenas como um espaço geográfico, mas como lugar social e simbólico onde se entrelaçam as experiências, as lembranças e os processos de identificação e territorialização. É então nesse lugar que se busca compreender o agir humano situado, apreendendo os sentidos que são atribuídos às experiências e às relações que se estabelecem nos encontros e desencontros locais.

Considerando a necessidade de apreensão desses sentidos, a presente pesquisa se situa dentro de uma abordagem interpretativista, e assim qualitativa, ao trazer à tona essas significações contextuais. Inspira-se para isso, na fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur (1988, 2009, 2014), particularmente em sua compreensão da experiência humana mediada pela linguagem, pela narrativa e pela interpretação.

A análise das narrativas não se orientou pela busca de uma identidade fixa ou de uma correspondência objetiva entre o relato e a experiência passada, mas pela compreensão dos modos pelos quais os discentes configuram narrativamente suas

experiências e atribuem sentido às transformações de si. Desse modo, foram observadas as articulações estabelecidas pelos entrevistados entre: memórias, pertencimentos e territorialidades anteriores; as experiências vividas e as novas territorializações forjadas no ambiente da UNILA enquanto espaço fronteiriço; e refigurações identitárias, expectativas futuras e reterritorializações. Essas dimensões não foram tomadas como etapas cronológicas estanques, mas como temporalidades que se entrecruzam na narrativa, na medida em que o presente permite reinterpretar experiências passadas e projetar possibilidades futuras.

Nesse movimento interpretativo, conferiu-se especial atenção às experiências de alteridade narradas pelos participantes – encontros, estranhamentos, diferenças linguísticas e culturais, conflitos, afetos e formas de reconhecimento – buscando compreender como a relação com o outro participa dos modos pelos quais os sujeitos reinterpretam seus pertencimentos, narram a si mesmos e representam novos territórios.

Complementarmente a Paul Ricoeur, a análise das narrativas considera as contribuições de Bourdieu (1991) acerca do poder simbólico e dos processos de classificação social, buscando identificar como os discentes percebem e interpretam as distinções entre nacional e estrangeiro, centro e periferia, pertencimento e exclusão.

Essa perspectiva permite examinar como as classificações socialmente construídas atravessam as experiências de fronteirização, podendo legitimar hierarquias e contribuir para a reprodução de desigualdades. Procura-se, assim, compreender não apenas as transformações identitárias narradas pelos participantes, mas também as relações simbólicas e as assimetrias sociais que permeiam suas experiências no espaço universitário e fronteiriço.

Nesta perspectiva, o que é vivido e sentido pelos alunos da UNILA é registrado (em recorte) por meio de entrevistas (Tabela 1) semiestruturadas de onde se procura então fazer uma leitura na narração identitária e seus movimentos que transitam entre passado, presente e futuro; entre antes e depois da UNILA (e da fronteira); e entre memória e expectativa.

CC BY NC SA

Tabela 1 – Entrevistas e Participantes

Entrevistado(a)	Idade	Nacionalidade	Curso	Tempo de fronteira
HSP	22	Paraguai	Economia	14 anos
JSC	26	Colômbia	Economia	4 anos
SMB	25	Brasil	Administração Pública	10 anos
AMB	23	Brasil	Economia	5 anos
KG19	19	Brasil/Índia	Relações Internacionais e Integração	15 anos
JSP	26	Peru	Relações Internacionais e Integração	4 anos
YAP	28	Peru	Administração Pública	6 anos
KAC	25	Colômbia	Economia	4 anos
CCV	27	Venezuela	Economia	8 anos
ARP	23	Paraguai	Relações Internacionais e Integração	4 anos
MAC	23	Colômbia	Economia	3 anos
LXB	24	Brasil	Relações Internacionais e Integração	4 anos
CXP	25	Paraguai	Relações Internacionais e Integração	6 anos
CLC	21	Chile	Economia	4 anos

Ao todo foram entrevistados 14 discentes da UNILA no período de Maio de 2026 a Agosto de 2026. Essa amostragem não probabilística dos participantes se constituiu por critérios de conveniência e proximidade, mas buscando alguma

CC BY NC SA

variação de idade, curso (economia, relações internacionais, administração) e tempo de fronteira. Desta forma, limitada em sua representatividade no que diz respeito a comunidade que constitui a UNILA, mas justificável sendo esta pesquisa de caráter exploratório.

Nas entrevistas participaram além dos entrevistados, um pesquisador e uma co autora aluna, também da UNILA. Além das entrevistas foi realizada uma “roda de conversa” com um grupo de sete alunos. Tanto para as entrevistas quanto para a roda de conversa foi utilizado um roteiro com questões divididas em três blocos: origens e percepções passadas sobre fronteiras e estrangeiros; marcas e afetos da UNILA; e transformações identitárias, memória e futuro.

No primeiro bloco foram levantadas questões sobre a origem do entrevistado, expectativas passadas e relações com fronteiras e estrangeiros; no segundo bloco foram levantadas questões sobre os encontros e desencontros na UNILA (e na Tríplice Fronteira), as marcas e afetos vividos durante a chegada e adaptação na universidade; por fim, foram debatidas as questões sobre as transformações identitárias e refigurações relativas às ideias de fronteira e do ser estrangeiro.

Como procedimento de análise, adotou-se como estratégia a leitura interpretativa das entrevistas visando identificar recorrências, aproximações, contrastes e singularidades nas formas pelas quais os participantes narravam a fronteira, a experiência universitária, o encontro com a alteridade e as mudanças na compreensão de si. Desse processo foram construídos eixos interpretativos destinados não a homogeneizar as experiências dos participantes, mas a reunir movimentos narrativos recorrentes, preservando diferenças e trajetórias singulares.

UNILA: A PORTA DA FRONTEIRA

Sair de casa, do país de origem – deixar para trás o lugar dos costumes, do familiar e do nós-outros ou nosotros – é buscar um outro que não o si-mesmo. Busca-se um si que seja para além do mesmo ou para além daquela identidade que se cria no conviver do território de origem. Busca essa que é anseio de um ser intermediário que persegue uma completude no sentido proposto por Ricoeur

(2014), quando define a condição humana como uma condição de não coincidência do si consigo mesmo, ou entre o si reflexivo (self) e o eu que se identifica e é identificado pelas marcas distintivas, signos, nomes, nacionalidades e territorialidades.

Para Ricoeur (2014, p. 28): “O ser humano é um ser intermediário, não entre um ser é um nada, mas entre si e si-mesmo [...]” e, por isso, “[...] opera mediações nas quais existe [...]”. Assim, seu ato de existir é sempre um ato de “[...] operar mediações entre todas as modalidades e todos os níveis de realidade fora dele e em si-mesmo.” Nessa direção, aqueles que para a UNILA (e para a Tríplice Fronteira) migram perseguem – em algum grau – tal completude que, às avessas, está no tornar-se-estrangeiro: como é para Ricoeur (2014), um si-mesmo como outro.

Para o encontro com esse outro, estudantes se colocam em um movimento de desterritorialização ao se fronteirizar. Movimento esse de ruptura e desprendimento carregado de incertezas e inseguranças. Para o estudante territorializado em regiões não-fronteiriças, o estudar-fora requer um engajamento em um processo de novas apropriações e identificações com novos territórios ou, requer um re-territorializar-se.

Processo esse que se dá na travessia da fronteira que em um imaginário coletivo é território de irregularidades, do ilegal (ARP); lugar de crime e conflito (CCV). Em suas territorialidades originais, a maioria dos estudantes que aqui relataram suas experiências vieram de cidades não fronteiriças, onde o convívio com estrangeiros era limitado. Alguns, de pequenos povoados (ARP, YAP, CXP, CCV) lugares de tradições e homogeneidade; lugares de poucos gêneros e pouca diversidade (HSP).

Essas representações anteriores à experiência universitária na UNILA permitem compreender a fronteira também como espaço onde se produz um território dentro de uma classificação simbólica. Conforme discutido por Bourdieu, as classificações sociais não apenas descrevem diferenças, mas contribuem para instituí-las e legitimá-las, estabelecendo divisões entre pertencimentos, lugares e sujeitos. Nesse sentido, associações entre os territórios de fronteira, ilegalidade,

CC BY NC SA

crime ou conflito podem ser interpretadas como esquemas classificatórios previamente incorporados, por meio dos quais determinados espaços e populações são percebidos e hierarquizados. O poder simbólico manifesta-se, assim, na capacidade de determinadas representações se apresentarem como evidentes ou naturais, condicionando antecipadamente a maneira pela qual o sujeito reconhece o território de fronteira e aqueles que nela habitam.

São migrações e deslocamentos que, em si, geram marcas e histórias. Nesse processo de reterritorialização chegam como refugiados, asilados, exilados ou apenas expatriados, encontrando na UNILA uma porta de entrada para esse encontro com o outro – um outro si-mesmo que aguarda do outro lado dessa fronteira em forma de promessa. A UNILA é essa porta, pois, como diz JSP, é uma promessa de uma universidade intercultural e de integração e, por isso: “[...] sería de cierta forma más fácil por la propuesta y por tener muchas personas de otras nacionalidades [...]”. JSC esperava encontrar na UNILA pessoas de diferentes nacionalidades e, por isso, confiava na ideia de uma rede de apoio de pessoas nas mesmas condições. Como contou KAC: “[...] creía que iba a haber tantas identidades, tantas nacionalidades en el mismo local, que era una propuesta que me interesaba [...]”.

Nas histórias narradas por esses estudantes, a UNILA se situa como esse nó entre um passado, uma memória e uma expectativa, um futuro. São como as identidades narrativas de Ricoeur (2010), que conjugam passado, presente e futuro, dando significado aos múltiplos eventos e conexões da vida. São identidades que se narram e se projetam – “Mi yo del antes y mi yo del pasado jamás pensó en tener esta oportunidad justamente de expandir tanto mi mente [...] la verdad que quisiera más de esto [...] en este contexto multicultural. La Integración! Para experimentar justamente todo lo que esto conlleva” (ARP). Identidades essas que são afetadas pela UNILA, pela fronteira e pela diversidade cultural: “Me ayudó a madurar, a crecer, porque estaba lejos de mi familia. Estudiar con personas de diferentes ciudades de Brasil, diferentes países, me ayudó a ser un poco más abierta (…)” (JSP).

CC BY NC SA

O FRONTEIRIZAR-SE COMO SI-MESMO

Os primeiros momentos na UNILA são carregados de encontros e desencontros. São estranhamentos, dificuldades e barreiras. Costumes, alimentos, ritos e, principalmente, a linguagem falada são como um “choque” (KAC). Um choque que “[...] me encanta mucho eso de la UNILA, yo siento que ayuda mucho a abrir los ojos [...]” (KAC). Nessa integração não há uma unificação enquanto homogeneização ou supressão do diverso, mas o distinto, o conflito, as dores e as “tretas” passam a constituir identidades e fundamentar esses “espacios de la UNILA para poder reivindicar lo que es la Integración” (MAC).

O que seria apenas uma passagem (pela fronteira) se torna um nó identitário e um nó territorial. É um processo de territorialização no qual a fronteira deixa de ser limite e passa a constituir o sentido central dessa reterritorialização. Nesse fronteirizar, o estudante da UNILA vai incorporando esse constante transitar – entre territórios, tempos, memórias, grupos, raças, etnias e gêneros. São múltiplas identidades narradas que se entrelaçam na UNILA. Identidades que se afetam e se transformam. Se não fosse na fronteira, a diversidade poderia se diluir na mesmidade do outro: “[...] a recepção não iria ocorrer com tanta naturalidade, estaria mais preocupada tentando se encaixar na cultura brasileira do que valorizar/mostrar sua própria cultura [...]” (CCV). “[...] porque al ser un contexto transfronterizo, podemos hablar justamente de apegarnos más no solamente al Brasil, sino que apegarnos a Paraguay y apegarnos a Argentina. Entonces, eso, pienso que es algo muy importante y algo fundamental de que la UNILA esté situada en la frontera” (YAP).

Como destacam Salles e Bentes (2012, p. 88), “[...] somente a memória simbólica ou real de já ter sido estrangeiro pode promover novos caminhos de hospitalidade [...]”. Nessa direção, a UNILA torna-se um lugar desse constante fronteirizar: “Yo siento que somos una de las pocas universidades, o de las pocas personas que tenemos la fortuna de estar [...] vas por un pasillo, por un corredor, y te encuentras con un haitiano, alguien que habla otra lengua, diferente a ti [...] y te encuentras un brasilero que intenta hablarte en español [...] hay un interés de

CC BY NC SA

intercambio cultural, de conocimiento gastronómico, por lo menos una palabra" (KAC). Cria-se, assim, "empatia" e "acolhimento".

O SI-MESMO COMO ESTRANGEIRO

Na UNILA cria-se um espaço para se "desestabilizar a identidade e a certeza de ser si-mesmo, que supõe em última instância o questionamento da ideia do mesmo e do diferente, do idêntico e do diverso, base da estrutura nacional-estrangeiro sobre a qual se sustentam as relações jurídicas e políticas do Estado" (Salles e Bentes, 2012, p. 88). Com o passar do tempo e com o constante fronteirizar dos alunos, as identidades prévias, vinculadas às nações, cidades, vilarejos e territórios são abaladas. Há uma incorporação desse sentido da fronteira, do vai e vem, do sentimento de que "[...] es como que algo que hace único a este lugar, entonces aquí por momentos como que la frontera no existe [...]" (JSC).

Além de se fronteirizarem, tornam-se também estrangeiros em seus lugares de origem. Para alguns, principalmente aqueles que deixaram para trás comunidades mais fechadas em suas tradições (YAP, HSP, CCV), o sentimento de ser estrangeiro surge agora também com a volta para casa. Em suas visitas anuais ou esporádicas, sentem um estranhamento no lugar onde antes pairavam o comum, o conforto do mesmo e dos iguais. O retorno ao lugar de origem passa, assim, a ser narrado também pela experiência do estranhamento: aquilo que anteriormente constituía o espaço do familiar é reinterpretado por sujeitos cuja experiência de alteridade ampliou e deslocou seus referenciais de pertencimento. Tornam-se "eternos estrangeiros".

Em semelhança com o si-mesmo como outro de Ricoeur (2014), os estudantes passam a associar a identidade estrangeira à sua própria identidade. E, com ela, os sentidos de cuidado, acolhimento e tolerância. Em alguns casos, esses estudantes já são estrangeiros desde que nasceram. É o caso de CLC, de Santiago, Chile, e filho de migrantes brasileiros. CLC não era "[...] chileno o suficiente para os chilenos, e não brasileiro o suficiente para os brasileiros [...]"; segundo ele, já tinha nascido "latino-americano".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A UNILA, tomada neste estudo como um espaço significativo de experiências e de produção de novas territorialidades, constituiu o campo empírico para investigar as relações entre memória, fronteira e identidade. Buscou-se compreender como esse espaço universitário e fronteiriço pode constituir-se como um nó memorial e territorial na redefinição identitária de seus discentes, considerando as narrativas por meio das quais articulam territorialidades anteriores, experiências de alteridade e expectativas de futuro que se projetam em reterritorializações. Os relatos analisados permitem compreender que esse processo não se restringe à travessia de uma fronteira entre territórios, mas envolve uma apropriação de uma fronteirização simbólica.

Um primeiro resultado evidencia, nesse sentido, que os estudantes não chegam à fronteira desprovidos de representações sobre esse território fronteiriço. Parte dos entrevistados mobiliza imagens anteriormente constituídas da fronteira como território do ilegal, do crime ou do conflito, ao mesmo tempo que relata experiências anteriores marcadas por menor convivência com estrangeiros e com a diversidade cultural. Sob uma perspectiva bourdieusiana, tais representações podem ser compreendidas como classificações socialmente incorporadas, por meio das quais espaços, grupos e sujeitos são reconhecidos e diferenciados. A fronteira territorial encontra, assim, fronteiras simbólicas que os próprios sujeitos carregam consigo, constituídas por princípios de visão e divisão capazes de naturalizar distinções entre nacional e estrangeiro, centro e periferia, pertencimento e não pertencimento. O poder simbólico dessas classificações reside precisamente em sua capacidade de apresentar como naturais diferenças historicamente constituídas e, em determinadas circunstâncias, legitimar hierarquias e contribuir para a reprodução de desigualdades.

A experiência vivida na UNILA, entretanto, coloca essas representações e classificações em contato com outras experiências sociais. Os encontros e desencontros, os estranhamentos, as diferenças linguísticas e culturais, os conflitos, os afetos e as formas de acolhimento tornam-se elementos por meio dos quais os

estudantes passam a reconhecer e reinterpretar a diferença, e assim o espaço de fronteira. A integração narrada pelos participantes não se apresenta, portanto, como apagamento das diferenças ou como substituição dos pertencimentos anteriores por uma identidade homogênea. Ao contrário, manifesta-se como negociação entre diferenças, na qual referências culturais e pertencimentos anteriores podem ser preservados ao mesmo tempo que outras formas de identificação e reconhecimento são incorporadas à compreensão de si. Os relatos de CVC, YAP e ARP são particularmente significativos nesse aspecto, pois mostram que a experiência fronteiriça pode favorecer tanto a valorização da própria cultura quanto a aproximação com outros espaços e pertencimentos nacionais.

É nesse movimento que a ideia de fronteirizar-se adquire sentido para a interpretação dos resultados. Fronteirizar-se não significa apenas atravessar territorialmente uma fronteira ou residir em uma região fronteiriça, mas incorporar à compreensão de si a experiência reiterada de trânsito entre lugares, línguas, memórias, culturas e pertencimentos. O que inicialmente poderia constituir apenas uma passagem espacial transforma-se, em algumas narrativas, em um nó identitário e territorial: a fronteira deixa de ser somente um espaço percebido externamente pelo sujeito e passa a integrar a maneira pela qual ele interpreta e narra sua própria trajetória. Nesse sentido, os resultados aproximam-se da compreensão de Cardin e Albuquerque (2018) acerca dos espaços fronteiriços como espaços interculturais que, ao mesmo tempo que são produzidos pelas relações sociais, também participam da produção e reprodução de identidades, alteridades e formas de pertencimento. Na mesma linha, em diálogo com autores como Raffestin (2009) e Saquet (2009), no processo de reterritorialização, a fronteira deixa de ser representada como limite e é acomodada como central nesse novo território cujas decisões espaciais e temporais não são suprimidas mas incorporadas em uma identidade fronteiriça.

A contribuição de Paul Ricoeur permite compreender esse processo que acomoda cisões e as distintas identidades, pois a relação entre idem e ipse oferece uma chave para pensar conjuntamente permanência e mudança. Os sujeitos

CC BY NC SA

preservam referências de origem, memórias, nacionalidades, culturas e pertencimentos que conferem continuidade às suas trajetórias, ao mesmo tempo que a experiência com o outro modifica, em diferentes graus, a maneira pela qual compreendem a si mesmos. Nessa perspectiva, a identidade não corresponde a uma substância fixa, mas pode ser compreendida narrativamente, na articulação temporal pela qual experiências passadas são retomadas e reinterpretadas a partir do presente e incorporadas a novas possibilidades de compreensão e projeção de si. Os relatos nos quais os estudantes contrapõem quem eram antes da UNILA às experiências posteriormente vividas tornam visível esse movimento entre permanência e transformação.

Um terceiro resultado reforça justamente essa dimensão temporal: a experiência da alteridade não modifica apenas a percepção do estrangeiro, mas pode produzir uma releitura retrospectiva dos próprios territórios de origem. Nos relatos de alguns participantes, especialmente daqueles provenientes de contextos e territórios percebidos como mais homogêneos, o retorno à cidade ou ao país de origem passa a ser acompanhado por um sentimento de estranhamento diante daquilo que anteriormente constituía o espaço familiar.

O presente da experiência fronteiriça reorganiza, assim, a leitura do passado: aquilo que antes parecia familiar ou natural pode ser percebido diferentemente depois do encontro com outras formas de vida, línguas, culturas e pertencimentos. Tal movimento aproxima-se da reflexão de Salles e Bentes (2012) acerca da possibilidade de a experiência, real ou simbólica, de ter sido estrangeiro abrir novos caminhos de hospitalidade. O si-mesmo como estrangeiro, nessa perspectiva, não designa uma condição permanente de desenraizamento ou desterritorialização, mas um movimento reflexivo pelo qual a experiência do outro passa a participar da compreensão que o sujeito produz de si, de seus vínculos e de sua relação com aqueles que reconhece como estrangeiros.

No seu conjunto, os resultados mostram, entretanto, que essas transformações não são homogêneas e não permitem estabelecer uma relação causal simples entre o ingresso na UNILA e uma determinada transformação

CC BY NC SA

identitária. As narrativas apresentam intensidades, temporalidades e trajetórias distintas. O caso de CLC é particularmente significativo: filho de imigrantes brasileiros e nascido no Chile, ele já narrava uma condição identitária marcada pela tensão entre pertencimentos, afirmando não ser suficientemente chileno para os chilenos nem suficientemente brasileiro para os brasileiros e identificando-se como latino-americano. Nesse caso, mais do que produzir uma condição identitária inteiramente nova, a experiência da UNILA pode ser compreendida como espaço no qual pertencimentos múltiplos anteriormente constituídos encontram possibilidades de reconhecimento e reelaboração. O contraste evidencia que o fronteirizar-se não constitui um percurso uniforme: assume configurações particulares segundo as histórias, memórias e pertencimentos trazidos pelos sujeitos.

Nesse ponto, Bourdieu e Ricoeur permitem iluminar dimensões distintas e complementares do material empírico. A perspectiva bourdieusiana contribui para reconhecer que o encontro com o outro ocorre em um mundo já estruturado por classificações, posições e assimetrias, no qual categorias como nacional e estrangeiro, centro e periferia, pertencimento e exclusão não são neutras. Tais classificações antecedem os sujeitos, são incorporadas em suas maneiras de perceber o mundo e podem ser reproduzidas, tensionadas ou reinterpretadas nas experiências de fronteirização. A hermenêutica ricoeuriana, por sua vez, possibilita compreender como essas experiências são retomadas narrativamente e incorporadas à interpretação que o sujeito produz de sua trajetória. Se Bourdieu contribui para tornar visíveis as fronteiras simbólicas e as relações de poder que antecedem e atravessam os encontros, Ricoeur oferece elementos para compreender como o sujeito pode reinterpretar-se no interior dessas experiências, articulando mesmidade e ipseidade, memória e expectativa, permanência e transformação.

A fronteira investigada não se limita, portanto, àqueles que os estudantes atravessam para chegar à UNILA. Compreende também as fronteiras simbólicas que carregam consigo, aquelas que encontram no outro e aquelas que, pela experiência da alteridade, passam a reconhecer em si mesmos. Nesse movimento, a UNILA

CC BY NC SA

pode ser compreendida como um nó memorial não porque produza uma identidade única ou necessariamente homogênea entre seus discentes, mas porque oferece condições institucionais, espaciais e relacionais nas quais memórias, classificações, diferenças e pertencimentos se encontram e podem ser reinterpretados. Se, como propõem Cardin e Albuquerque (2018), os espaços fronteiriços são simultaneamente produzidos pelas relações sociais e produtores de identidades e alteridades, as narrativas analisadas sugerem que esse processo alcança também a maneira pela qual os sujeitos interpretam suas próprias trajetórias.

O outro deixa, assim, de constituir apenas aquele que se encontra para além da fronteira e passa a integrar as memórias e narrativas pelas quais o sujeito interpreta a si mesmo. É também nesse sentido que a experiência de ter sido ou de reconhecer-se estrangeiro pode, conforme sugerem Salles e Bentes (2012), abrir possibilidades de hospitalidade. Entre memória e expectativa, permanência e transformação, idem e ipse, si-mesmo e outro, os resultados permitem compreender as duas formulações que emergiram da análise: o fronteirizar-se como si-mesmo e o si-mesmo como estrangeiro.

A UNILA apresenta-se, desse modo, menos como espaço de produção de uma identidade latino-americana uniforme e mais como um lugar no qual diferentes trajetórias, memórias e pertencimentos entram em relação, fazendo da própria experiência da diferença uma possibilidade de reinterpretação de si.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. As fronteiras da civilização e da nação em Domingo Sarmiento e Euclides da Cunha. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 184, p. 209-230, 2011.

BARROS, José D. Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BERNECKER, Sven; MICHAELIAN, Kourken (Ed.). **The Routledge handbook of philosophy of memory**. Routledge, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Language and symbolic power**. Harvard University Press, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

CARDIN, Eric Gustavo; ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Fronteiras e deslocamentos. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, p. 114-131, 2018.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, p. 173-191, 1991.

CORAZZA, Gentil. A UNILA e a integração latino-americana. **Boletim de Economia e Política Internacional** (BEPI), Brasília, n. 3, p. 79-88, jul./set. 2010. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Disponível em: Repositório Ipea. Acesso em: 29 maio 2026.

DE OLIVEIRA, João Pacheco. **O nascimento do Brasil e outros ensaios**. 2016.

DE SOUZA SALLES, Sergio; BENTES, Hilda Helena Soares. Fronteiras do reconhecimento: educando o si-mesmo como estrangeiro sob a ótica de Paul Ricoeur. **Conhecimento & Diversidade**, v. 4, n. 8, p. 76-92, 2012.

GENRO, Maria Elly Herz; MAFFEI, Henrique Sadafy; CAVALCANTE, Márcia Helena Koboldt. **Universidade emergente**: integração latino-americana e a contribuição da UNILA. SURES. Foz do Iguaçu, PR. N. 11, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **On collective memory**. University of Chicago press, 2020.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. 1997.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, v. 368, p. 217-227, 2009.

NORA, Pierre. Between memory and history: Les lieux de mémoire. **Representations**, v. 26, p. 7-24, 1989.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

CC BY NC SA

PROLO, Ivor; LIMA, Manolita Correia; MONIZ, Gonçalo Canto. UNILA: A universidade como vetor da integração regional. **Educação & Sociedade**, v. 40, p. e0189894, 2019.

RAFFESTIN, Claude. "A produção das estruturas territoriais e sua representação." **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular (2009): 17-35.

RAMOS, Ana Margarita. 'The good memory of this land': Reflections on the processes of memory and forgetting. **Memory Studies**, v. 3, n. 1, p. 55-72, 2010.

RICOBOM, Gisele. A integração Latino-Americana e o diálogo intercultural: novas perspectivas a partir da Universidade. **Cadernos da Escola de Direito**, n. 12, 2010.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Lisboa: Rés, 1988

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2009.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. v. 1.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, p. 73-94, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: A perspectivas dos estudos culturais. Vozes, 2014.

SIMMEL, Georg. Sociologia do espaço. **estudos avançados**, v. 27, p. 75-112, 2013.

TODOROV, Tzvetan et al. La memoria amenazada. **Los abusos de la memoria**, p. 11-60, 2000.

CC BY NC SA